

Sándor Márai
A CONVERSA DE BOLZANO

Romance

Tradução de
Miguel Serras Pereira



Um fidalgo de Veneza	9
A notícia	15
«Um homem»	21
O despertar	30
Vocalizos e exercícios	38
O beijo	48
Um escritor	56
«Não ofendas Veneza!»	65
Francesca	72
Os acessórios	88
A encomenda	104
O contrato	129
A máscara	194
A representação	209
A resposta	245



UM FIDALGO DE VENEZA

Despediu-se dos gondoleiros em Mestre; uma vez mais, Balbi, o frade renegado, por pouco o não fazia cair nas mãos da polícia porque, no momento em que a mala-posta ia partir, tivera que se pôr à procura dele e acabara por descobri-lo num café onde, enquanto bebericava alegremente uma chávena de chocolate, se deixara ficar a namorar a criada com os olhos. Gastou todo o dinheiro que tinha em Treviso; puseram-se a caminho pelo meio dos campos atravessando a porta de São Tomé e, contornando com cautelas de lobo os hortos e florestas, alcançaram pelo crepúsculo as primeiras casas de Valdobbiadene. Aí, ele puxou do punhal, ameaçou com a lâmina o seu pouco cómodo companheiro de viagem, a seguir ao que marcaram um encontro para Bolzano e se separaram. De mau humor, o padre Balbi ia-se arrastando por entre os troncos nus das oliveiras; era um homem magro e desleixado. Enquanto corria virava-se para trás a todo o instante, com a cabeça metida entre os ombros, lançando olhares sombrios e dissimulados como um cão tihoso corrido a pontapé pelo dono.

Quando o frade desapareceu, ele entrou na vila e, com um instinto cego e seguro, foi pedir pousada a casa do capitão dos esbirros. Uma senhora amena, mulher do capitão, apresentou-se para o receber, jantou, lavaram-lhe as feridas – tinha os joelhos e os

tornozelos cobertos de sangue seco e arranhara os joelhos e os cotovelos ao saltar do alto dos telhados de chumbo – e, antes de adormecer, soube que o capitão se fizera às estradas, justamente em busca dele, o fugitivo. De manhãzinha, escapuliu-se discretamente, passou a noite em Pergine e, no terceiro dia, chegou a Bolzano, dessa feita de carro, pois pelo caminho conseguira extorquir seis cequins a um dos seus conhecimentos.

Balbi estava já a esperá-lo. Mandou preparar quartos na estalagem do Veado. Não tinha bagagens, chegara em farrapos com a sua bela casaca de seda colorida rasgada, sem capa. O vento de novembro fazia ouvir o seu chicote nas ruas estreitas de Bolzano. O estalajadeiro mediu com o olhar os hóspedes andrajosos.

– Os melhores quartos? – disse ele, embaraçado.

– Os melhores quartos! – respondeu o outro em voz baixa, com severidade. – E atenção à cozinha! Vós, a gente como vós costuma cozinhar substituindo o azeite por toda a casta de gorduras rançosas. Desde que saí do território da República, não comi um único bocado que se aproveitasse! Manda assar um capão e um frango para esta noite, um não, três, com castanhas. E arranja-me vinho de Chipre. Estás a olhar para o meu traje? Estás a tentar descobrir a minha bagagem? Espanta-te que cheguemos de mãos vazias? Não recebes aqui os jornais? Não lês *A Gazeta de Leida*?... Imbecil! – exclamou ele com a voz a ranger, pois apanhara frio durante a viagem e uma tosse cruel começava a dilacerar-lhe os brônquios. Não ouviste dizer que um figalço de Veneza com o seu secretário e os seus servidores fora assaltado na fronteira? A polícia ainda cá não veio perguntar por mim?

– Não, senhor, não veio – disse o estalajadeiro, assustado.

Balbi ria à socapa. Acabaram por ficar com os melhores quartos: uma sala, com duas grandes janelas de batentes dando para a praça principal, móveis de pés doirados e um espelho veneziano por cima do fogão; um quarto de dormir, com uma cama de dossel.

Balbi ficava instalado ao fundo do corredor, junto às escadas estreitas e íngremes que conduziam aos sótãos das criadas. E tal localização dos aposentos enchia-o de satisfação.

– O meu secretário! – disse ele, apresentando Balbi ao estalajadeiro.

– A polícia... – disse o estalajadeiro, desculpando-se. – Também entre nós, a polícia é severa. Vão chegar já a seguir. Procedem ao registo de todos os estrangeiros.

– Diz-lhes – respondeu ele, despreocupadamente – que tens um fidalgo em tua casa. Um fidalgo...

– Mas ainda assim! – insistiu o estalajadeiro inclinando-se profundamente, com o gorro grego na mão, cheio de humildade e curiosidade.

– Um fidalgo, de Veneza! – disse ele.

Disse-o como se anunciasse um título ou uma posição excepcionais. O próprio Balbi notou o modo como ele acentuara aquelas palavras. Depois, com uma letra miúda e desenvolta, inscreveu o seu nome no livro de registo. O estalajadeiro corara de excitação: apertava as fontes da cabeça com os dedos encharcados e não sabia se havia de correr a avisar a polícia ou cair de joelhos beijando as mãos do hóspede. Por isso continuava ali espedado, embaraçadíssimo, sem soprar palavra.

Depois acendeu um candeeiro e conduziu os hóspedes ao primeiro piso. As criadas estavam já num afã a tratar dos quartos: traziam grandes candelabros doirados, água quente e canjirões de prata, toalhas de pano de Limburgo. Ele começou a despir-se lentamente, como um rei diante da sua corte: entregava uma a uma as peças de vestuário encardidas ao estalajadeiro e às criadas, as calças de seda manchadas de sangue e coladas à carne tiveram de ser cortadas à tesoura dos dois lados da barriga da perna, mergulhou os pés e as canelas no alguidar de prata recostando-se numa poltrona, quase a desmaiar de cansaço, desganhado,

lúgrube. Por instantes adormecia, murmurava, soltava gritos. Balbi, o estalajadeiro e as criadas rodopiavam à volta dele, boquiabertos: fizeram-lhe a cama na alcova, correram as cortinas e sopraram quase todas as velas. À hora do jantar, tiveram que ficar a bater-lhe à porta durante muito tempo. Depois de comer, muito em breve voltou a cair no sono; no dia seguinte, dormiu até ao meio-dia, com um rosto liso e despreocupado, indiferente, como o dos mortos de um dia.

Um figaldo, diziam as raparigas, e tratavam das duas ocupações cantando, rindo e segredando, na cozinha e na cave, lavavam os carros e enxugavam os pratos, partiam lenha miúda, serviam bebidas, baixavam a voz, punham um dedo diante dos lábios, voltavam a rir, depois retomavam um ar sério e faziam circular a notícia, com afetação e entre gargalhadas: um figalço, sim, um fidalgo, de Veneza. À noitinha, entraram em cena dois espíões; o nome dele, o seu nome suspeito e fascinante, o seu nome interessante e perigoso a que a grande aventura, a notícia da evasão, recentemente concedera novo brilho, atraía os polícias de todas as cidades. E queriam saber tudo. Estava a dormir?... Não tinha bagagens?

– Um punhal – disse o estalajadeiro. – Veio com um punhal. E mais nada.

– Um punhal! – repetiram eles num tom de conhecedores, desorientados. – Que género de punhal? – perguntaram os espíões.

– Um punhal veneziano – respondeu o estalajadeiro com devoção.

– Não trouxe mais nada? – perguntaram eles.

– Não – disse o estalajadeiro. – Não tem mais nada. Um punhal. E é só.

Esta informação surpreendeu os polícias. Não teriam ficado espantados se ele tivesse chegado com um saque imenso, pedras

preciosas, alforjes cheios, colares e anéis arrancados ao longo do caminho dos dedos de mulheres inocentes. Como um arauto, a sua reputação precedia-o e proclamava o seu nome. Logo de manhã, o prelado fizera-o saber ao chefe da polícia e pedira a expulsão daquele hóspede de má fama. No Tirol e na Lombardia, de manhã a seguir à missa, à noite nas tabernas, corria já a história da evasão.

– Vigia-o – disseram os esbirros. – Queremos estar a par de tudo o que ele diga. Vigia-o bem. Recebe cartas, e de quem? Manda cartas, e a quem? Vigia-lhe todos os gestos. Parece... – disseram eles mais baixo e, tapando a boca com as mãos, segredaram ao ouvido do estalajadeiro – que tem um protetor. Nem o prelado pode nada contra ele.

– De momento – disse o estalajadeiro, experiente.

– De momento – responderam num eco os esbirros com uma nota de desalento.

Saíram em bicos de pés, afogados em apreensões, rostos sem brios. O estalajadeiro sentou-se na taberna; deixava escapar repetidos suspiros. Não gostava dos hóspedes famosos que suscitavam o interesse do prelado e da polícia. Pensava nos olhos do seu hóspede, nos tições e na chama obscura que vacilava alquebradamente nos seus olhos, e tinha medo. Pensava no punhal, naquele punhal veneziano, que era toda a bagagem do seu hóspede, e tinha medo. Pensava na reputação que acompanhava o hóspede como se fosse a sua própria sombra, e começou a praguejar baixinho.

– Teresa! – disse com cólera.

Uma rapariga, já em camisa de noite, entrou. Tinha dezasseis anos; numa das mãos trazia uma vela acesa e, com a outra, puxava a camisa de dormir para tapar o peito.

– Ouve bem o que te vou dizer! – disse ele baixinho, sentando a rapariga nos joelhos. – És a única pessoa em quem tenho confiança. Chegou um hóspede perigoso, Teresa. Esse fidalgo...

– De Veneza? – exclamou a jovem numa voz cantante de menina de escola.

– De Veneza, de Veneza – disse ele nervosamente. – Da prisão. Do meio das ratazanas. De debaixo do cadafalso. Ouve, Teresa. Tens de ver se ouves tudo o que ele disser. Os teus olhos e os teus ouvidos têm de andar sempre encostados ao buraco da fechadura dele. Gosto de ti como se fosses minha filha; criei-te; mas se ele te convidar a entrar, não hesites. Vais ser tu a levar-lhe o pequeno-almoço. Toma cuidado com a tua virtude e vigia-o.

– Pois sim – disse a rapariga.

Depois, com a vela na mão, dirigiu-se para a porta, como uma sombra esbelta. Da porta, disse então numa voz queixosa, arrasada e pueril:

– Tenho medo.

– Eu também – disse o estalajadeiro. – Agora, vai dormir. Mas antes, traz-me vinho.

E durante a primeira noite, toda a gente dormiu mal.



A NOTÍCIA

Tiveram um sono cheio de pavores, de roncos, de arquejos, de fungares e, enquanto dormiam, tinham a impressão de que alguma coisa estava a acontecer-lhes. Tinham a impressão de que havia alguém a andar à volta da casa, tinham a impressão de que alguém os chamava e de que teriam de responder como ainda nunca haviam respondido. A pergunta que o estrangeiro lhes fazia era insolente, descarada, opressiva e, acima de tudo, aterradora e triste. Mas de manhã, ao despertar, já de nada se lembravam.

Enquanto dormiam, difundira-se a notícia de que ele chegara, de que se evadira dos Piombi, navegara em pleno dia para fora da cidade-natal, deixara com um nariz de palmo e meio Suas Exce-lências, os terríveis senhores da Inquisição, ludibriara Lorenzo o carcereiro, libertara o frade renegado, abandonara tranquilamente a cidadela dos doges, tinham-no visto em Mestre a dormir na mala-posta, em Treviso a beber vermute numa taberna, e um camponês jurou tê-lo avistado na fronteira a lançar um feitiço às vacas. A notícia difundira-se nos palácios de Veneza, nas casas de comensais dos arrabaldes, e os bispos e os senadores, os algozes e os guardas, os espíões e os jogadores, os amantes e os maridos, as jovens na missa e as senhoras nas suas camas quentes rebentaram de riso e exclamaram: «Ho ho!» Ou exclamaram a plenos pul-

mões, satisfeitos: «Ha ha!» Ou riram para com o travesseiro ou para com o lenço: «Hi hi!» Toda a gente se regozijava com a sua evasão. No dia seguinte ao cair da noite, a notícia foi anunciada ao papa que se lembrava dele, e se lembrava também de o ter condecorado por sua própria mão com uma ordem pontifícia menor, e o papa desatou a rir às gargalhadas. A notícia corria Veneza, os gondoleiros encostavam-se ao grande cabo do seu remo, discutiam como entendidos todos os pormenores da evasão e regozijavam-se por ele se ter evadido, regozijavam-se porque ele era veneziano e enganara o poder, regozijavam-se porque houvera alguém mais forte do que a tirania, do que as pedras, do que as cadeias e do que os telhados de chumbo. Falavam baixinho, cuspiam para a água, esfregavam as mãos com um ar satisfeito. A notícia difundia-se e aquecia os corações. Para dizer a verdade, o que é que ele fez? Perguntavam as pessoas. Jogava às cartas, meu bom Jesus, talvez fizesse um bocadinho de batota, tomava conta da banca nas tavolagens, com o rosto escondido por uma máscara, juntava-se às bancas dos *croupiers* profissionais! Mas em toda a Veneza quem não procedia desse modo?... E à noite sovava aqueles que o tinham traído, e atraía as mulheres para fora da cidade, para Murano, onde tinha uns aposentos arrendados – mas haveria em Veneza um único homem novo que vivesse de outra maneira? E era insolente, bom conversador e falador – mas quem era que em Veneza se calava?...

Iam murmurando deste jeito e, por vezes, rebentavam de riso. Porque havia na notícia uma coisa boa, uma espécie de júbilo que aquecia os corações. Porque toda a gente se sabia nas garras da Inquisição, e toda a gente tinha um pé nas enxovias dos Piombi, e ali estava alguém provando que um homem era mais forte do que o despotismo, mais forte do que os Piombi, do que os esbirros, mais forte do que Messer Grande, esse emissário do carrasco, esse mensageiro de mau agouro. A notícia difundia-se, e nos

quartéis de polícia as pastas abriam-se e fechavam-se ruidosamente, os capitães berravam, os juízes com as orelhas vermelhas ouviam os acusados e distribuía-m colericamente por eles prisões, exílios, galeras e patíbulos. Falava-se dele nas igrejas, era alvo de condenações no fim da missa, porque reunira os sete pecados capitais no seu corpo maldito, o qual, segundo o sacerdote, seria posto a cozer num caldeirão especial e a assar num fogo especial, no inferno e até ao fim dos tempos. Mas até mesmo no confissãoário o seu nome era evocado; senhoras de joelhos, com a cabeça profundamente inclinada, balbuciavam o nome dele por trás do livro de orações, batiam no peito e juravam penitências. E toda a gente se regozijava como se uma coisa boa tivesse sucedido em Veneza e em todas as cidades e aldeias da República que ele atravessara.

Dormiam as pessoas e sorriam no sono. Por toda a parte onde ele passava, fechavam-se para a noite as janelas e as portas com mais zelo, e, por trás dos taipais corridos, homens discutiam demoradamente com as mulheres. Como se todos os sentimentos que, na véspera ainda, não passavam de brasas e cinzas, comessem a fumar, a arder. Não enfeitara as vacas, mas os camponeses juraram que nesse ano os bezerros eram mais numerosos e mais bonitos. As mulheres acordavam, traziam a água do poço em grandes baldes de madeira, acendiam o lume na cozinha, aqueciam o leite e punham peças de fruta na travessa esmaltada, davam o peito aos filhos, davam de comer aos homens, varriam o quarto e faziam a cama, e durante todo esse tempo não paravam de sorrir. Durante muito tempo o sorriso não deixou os rostos, em Veneza, no Tirol e na Lombardia. O sorriso propagava-se como uma espécie de epidemia dulcíssima e leve, propagava-se para além-fronteiras, até mesmo em Munique as pessoas estavam já a par do acontecido e esperavam a chegada dele a sorrir, e a notícia chegou a Paris, houve no Parque dos Veados quem contasse ao

rei a história da evasão, e também o rei se rira. E soube-se em Parma e em Turim, em Viena e em Moscovo. E por toda a parte se sorria. E os polícias e os juízes, os esbirros e os espões e todos os que tinham por ofício manter os homens sob o jugo do poder e do medo se atiraram então ao trabalho com cólera e desconfiança. Porque não há nada mais perigoso do que um homem que não é capaz de se submeter à tirania.

Sabiam que tudo o que ele tinha era um punhal, e só um punhal; mas durante algumas semanas, os corpos de guarda foram reforçados nas fronteiras. Sabiam que não tinha cúmplices e não se interessava por política; mas o secretário da Inquisição urdiu um plano de batalha completo para o prender de novo, o fechar na sua jaula, morto ou vivo, servindo-se tanto do ouro como do punhal, custasse o que custasse. Foi comunicada ao doge a sua evasão, e o senhor encorpado, de olhos penetrantes, bateu na mesa com a mão carregada de anéis e ameaçou os carcereiros com as galeras. Os senadores, com as suas mãos finas e amarelas, apertaram com mais força os forros das capas de seda contra o peito, sentados sem uma palavra na grande sala, nas suas poltronas, aspiraram o ar fungando com os seus narizes amarelecidos de diabéticos e, examinando por trás das pálpebras semicerradas com um olhar indiferente os frescos do teto e as traves mestras da Sala do Conselho, votaram leis mais severas, encolheram os ombros, e calaram-se.

Mas por trás do sorriso propagava-se como que uma febre que contaminou a mulher do padeiro, a irmã do ourives e até a própria filha do doge. As pessoas, sozinhas nos seus quartos, davam palmadas de alegria na barriga e riam a bandeiras despregadas. Era tremendamente reconfortante saber que alguém conseguira escapar aos muros com um metro de espessura, à vigilância dos guardas armados de lanças e chuços, ao abraço das cadeias com o diâmetro de braços de criança. Depois as pessoas entravam nas

lojas, saíam para a praça do mercado, beberricavam o vinho de Verona nas tabernas, os usurários pesavam o ouro em pó nas suas balanças delicadas, os farmacêuticos misturavam os laxantes e os filtros de amor, os venenos violentos que se podem reduzir a pó e esconder no engaste de um anel, as vendedoras com os seus grandes ventres elevavam-se por trás dos tabuleiros onde se amontoavam peixes, frutas, carnes cruas e ervas aromáticas, os negociantes de novidades expunham em caixas de marroquino perfumadas com pólen de flores as meias de Lyon que acabavam de lhes ser entregues e os peitinhos de Bruges rendados, e no trabalho ou no falar, nos negócios ou na profissão, todos se viravam para trás por um momento, tapavam a boca com a mão e riam com todo o gosto.

As mulheres sentiam que esta evasão e o que se lhe seguira fora de algum modo um serviço no interesse delas. Eram incapazes de explicar ao certo a sua impressão; mas eram mulheres e venezianas justamente porque não contrariavam os seus sentimentos e aceitavam os argumentos mudos que o coração, o sangue e as emoções lhes sopravam ao ouvido. As mulheres regozijavam-se com a evasão dele. Como se uma força até então acorrentada se tivesse libertado no mundo, como se dos contos e das lendas, dos livros e das recordações, das emoções e dos sonhos que são o outro conteúdo, secreto, nem escrito nem conveniente, e contudo terrivelmente verdadeiro, da vida dos homens e das mulheres, alguém tivesse irrompido, sem máscara, nem cabeleira, nem pó de arroz, com uma nudez talvez igual apenas à da vítima que regressa de um encontro sinistro na sala de tortura; e as mulheres seguiam-no com o olhar, escondiam a boca e os olhos por trás da mão ou do leque, inclinavam levemente a cabeça, nada diziam, mas os seus olhos toldados e velados que olhavam o fugitivo diziam: «Sim, sim.» Era por isso que sorriam. E durante alguns dias, pareceu que o pequeno mundo em que elas viviam se

enchera de ternura. À noite, assomavam às janelas e varandas que dominavam as lagunas, tendo na cabeça um véu preso por uma travessa em forma de lira e um lenço de seda por cima dos ombros, e olhavam a água suja e engordurada que calma e indiferente fazia flutuar as embarcações, e respondiam com olhares que na véspera ainda não teriam consentido em conceder, deixavam cair um lenço de seda que lá em baixo, por cima do espelho de água, uma ágil mão morena agarrava, levavam uma flor aos lábios e sorriam. Depois fechavam as janelas e apagavam as luzes nas salas. Mas nos seus corações e nos seus gestos, nos olhos das mulheres e nos olhares dos homens, havia qualquer coisa que esplendia. Como se tivessem sido levados a compreender em segredo que a vida não era somente lei, interdição e cadeias, mas podia ser também uma emoção mais livre, mais insensata e mais improvisada do que até então tinham acreditado. Compreenderam-no num instante, e sorriam-se.

Esta cumplicidade foi de pouca dura: os livros da lei, as regras da vida, escritas ou não, asseguraram que o fugitivo se dissipasse nos seus corações. Algumas semanas mais tarde, haviam-no já esquecido em Veneza. Só o lembravam ainda o senhor de Bragadin, seu brando e generoso protetor, algumas mulheres a quem ele jurara eterna fidelidade, e alguns usurários e donos de tavolagens a quem ele ficara a dever dinheiro.